

VESTINDO HISTÓRIAS: O ACERVO DE INDUMENTÁRIA DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

*Wearing stories: The Collection of Indumentary of Gaucho Traditionalist
Movement*

Müller, Caroline; Mestranda; Universidade Federal do Paraná,
carolinemuller.design@gmail.com¹
Corrêa, Ronaldo de Oliveira; PhD; Universidade Federal do Paraná,
rcorrea@ufpr.br²

Resumo

Este texto apresenta algumas considerações sobre o processo de construção do Acervo de Indumentária do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). A partir das narrativas de Manoelito Carlos Savaris, acessadas por meio de entrevistas, foi possível registrar que este interlocutor compreende a proposta do acervo como uma estratégia que materializa a ideia de identidade gaúcha.

Palavras Chave: cultura material; identidade; memória; indumentária; acervo.

Abstract

This text presents some considerations about the construction process of the Acervo de Indumentária of the Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). From the narratives of Manoelito Carlos Savaris, accessed through interviews, it was possible to register that this interlocutor understands the purpose of the collection as a strategy that materializes the idea of gaucho identity.

Keywords: material culture; identity; memory; indumentary; collection.

Introdução

O objetivo deste artigo é reconstruir uma narrativa sobre o processo de construção e patrimonialização do Acervo de Indumentária, idealizado pela Fundação Cultural Gaúcha do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)³ de Porto Alegre – RS. É um recorte que apresenta o objeto de pesquisa: o Acervo

¹ Graduada em Desenho Industrial – Projeto de Produto pela UFSM | RS, especialista em Gestão do Desenvolvimento de Produtos pela UTFPR | PR, mestranda no PPGDesign da UFPR | PR.

² Doutor pelo PPGICH/UFSC. Realizou estágio no Posgrado en Ciencias Antropológicas da Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa - México, na área de políticas culturais. Recebeu o Prêmio Capes de Teses - 2009. Pós-doutorado CAPES no PPGAS/UFGRS (jul de 2012 a jul de 2013). Atualmente é professor na UFPR.

³ A entidade associativa MTG, Porto Alegre, RS, criada em 1966 “dedica-se à preservação, resgate e desenvolvimento da cultura gaúcha, por entender que o tradicionalismo é um organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica” (MTG, 2015).

de Indumentária e sua proposta como estratégia que materializa a ideia de identidade gaúcha.

Para isto, partimos dos relatos de Manoelito Carlos Savaris, idealizador do Acervo de Indumentária e atual presidente do MTG de Porto Alegre, a respeito dos trajes gaúchos e das escolhas que resultaram no acervo. O relato foi produzido por meio de entrevistas realizadas em acordo com os princípios da História Oral, em Porto Alegre-RS, nos anos de 2014 e 2015.

O registro do processo de construção e patrimonialização a partir do método da História Oral traz para o centro de estudo uma esfera oculta a respeito das trajetórias das indumentárias gaúchas, já que não há registro de estudos envolvendo o universo do Acervo de Indumentária idealizado pela Fundação Cultural Gaúcha do MTG. De acordo com WORCMAN e PEREIRA (2006, p. 24), um dos temas fundamentais para trabalhar com história oral é o das vozes ocultas, pois não há documentos sobre essas memórias, tornando-se campos interessantes para explorar. Desta forma, é possível interpretar a história do acervo e da cultura por intermédio da escuta ao interlocutor e do registro da história de sua vida, onde a memória é tudo aquilo que remete ao passado no presente, dentro de um tempo e lugar.

Pensando assim, este estudo tem relevância ao passo que nos ajuda a pensar em como os artefatos fazem sentido para o mundo das pessoas. Do mesmo modo que o interlocutor, as indumentárias também são narradoras e protagonistas de uma história.

Aqui, compreendemos que patrimônio é um status em que os artefatos tornam-se testemunhos, uma fonte carregada de ideais e valores da sociedade na qual foram consumidos, usados, constituídos (GONÇALVES, 2007). Relaciona-se patrimônio com memória e marcas identitárias de uma sociedade, na qual a memória coletiva atua como narrativa do passado e constituinte de uma identidade social (PACHECO, 2010, p.145).

Ainda, as roupas e trajes, referidas aqui como indumentárias gaúchas, são compreendidas como uma experiência condicionante das relações sociais, e não apenas um produto estético resultante das conjunturas sociais e políticas de uma época (MILLER, 2013). Neste compasso, as interações sociais estão

permeadas pelos objetos, onde a indumentária constitui o grupo e escancara seus ideais e vontades.

A indumentária dentro de um espaço patrimonial neste trabalho é caracterizada como um documento, como parte da cultura material e como um bem cultural. O cheiro, o tamanho, a cor, os métodos de fabricação, os sujeitos envolvidos na criação bem como as formas de organização e inserção das peças em locais compreendidos como patrimônios são alguns dos aspectos que constituem a trajetória desses artefatos. Passemos então à apresentação do Acervo de Indumentária.

Escolhas que levaram ao surgimento do Acervo

Quando Savaris, atual presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho e da Fundação Cultural Gaúcha, nos contou sobre as histórias que atravessam o Acervo de Indumentária, o que saltou foi sua paixão e admiração pela história do movimento e pelo tradicionalismo⁴ gaúcho. Seu encanto com a tradição surgiu aos 16 anos, quando recebeu do padre que ele auxiliava no seminário, o Benjamin, uma vestimenta típica do estado – a bombacha – calça masculina fofa e pregueada feita em tecido de brim liso ou xadrez. Para Savaris, o envolvimento com o tradicionalismo deu início via materialidade das roupas.

Sua trajetória como presidente do MTG alcança sete anos: 2001, 2002, 2003, 2005, 2006 e 2014 e 2015. Criado em 2003, o Acervo surgiu em um dos seus mandatos, a partir da consolidação do 1º Desfile Temático na cidade Porto Alegre – RS, que traz como característica a apresentação de fragmentos da história do estado para a sociedade. Realizado anualmente, o desfile é um dos eventos tradicionais da cidade que ocorre na Semana Farroupilha⁵ e é promovido pela Fundação Cultural Gaúcha do MTG. Nas palavras de Savaris:

Em 2003 nós realizamos o primeiro Desfile Temático de Porto Alegre e o tema na época foi “Soldado Farroupilha: o herói anônimo” e para fazer o desfile, que na verdade é nada mais do que um grande teatro, a gente necessitou confeccionar roupas masculinas e femininas, derivadas de pesquisa histórica. Feito as indumentárias, isso constituiu um primeiro lote que a Fundação Cultural Gaúcha do MTG ficou encarregada de guardar, porque ela é a realizadora do evento. (Manoelito Savaris, entrevista, dezembro, 2014).

⁴ Tradicionalismo neste texto refere-se aos costumes relacionados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho.

⁵ Momento especial de culto às tradições gaúchas que ocorre todo ano, entre os dias 07 e 20 de setembro, no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho, em Porto Alegre – RS.

O interlocutor inicia sua fala apontando que o acervo emergiu como estratégia para acondicionar indumentárias criadas exclusivamente para o Desfile Temático. A fundação, que tem como responsabilidade o planejamento e a realização dos eventos, teve também como função organizar e localizar um espaço para as indumentárias.

Em contrapartida, a fundação, por não ter um local para o acondicionamento das peças em sua sede, necessitou organizar o acervo em outro lugar. Dessa forma, durante os três primeiros anos ele esteve localizado em uma das salas da Office Marketing, empresa em que Josemar Basso, um dos idealizadores do desfile, era sócio. Nesse primeiro momento, Basso foi o coordenador do acervo, sendo o responsável pela compra de cabides, etiquetagem das peças e organização do espaço. Ao falar dos sujeitos importantes para a construção do acervo, Savaris cita três:

Manoelito Savaris, eu mesmo, já que eu era o presidente do MTG na época. Também teve o Luiz Augusto Lara, que na época era secretário de Turismo do estado do Rio Grande do Sul e Josemar Basso, que é o homem do marketing e de uma produtora, ele se criou fazendo eventos. Até hoje eu coordeno os Festejos Farroupilhas de Porto Alegre, o Josemar coordena o Desfile Temático e até hoje o Lara é nosso colaborador. (Manoelito Savaris, entrevista, dezembro, 2014).

Aqui o interlocutor nos revela que o processo de construção do acervo não foi neutro. Esses três sujeitos foram os responsáveis por transformar os artefatos em documentos, visto que “ele só vira documento quando é guardado, colecionado, mantido por alguém que investe nele sentimento” (BENARUSH, 2012, p.88). Todo objeto que pertence a uma coleção está nessa condição por decisão de alguém ou de algum grupo, seja por raridade, acontecimento histórico, memória, autenticidade, religiosidade.

O interlocutor é categórico ao afirmar que, para ele, o acervo surgiu por acaso: “Ele não foi pensado para ser um acervo, ele era nada mais nada menos do que um grande guarda-roupas” (Manoelito Carlos Savaris, entrevista, dezembro, 2014). Para ele, mesmo sendo nomeado como acervo, inicialmente a manutenção e preservação das peças não era entendido como patrimônio.

No entanto, concordamos com a perspectiva de Arpin (2000 apud Desvallées e François Mairesse, 2013), que reconhece patrimônio como “todo

objeto ou conjunto material, reconhecido e apropriado coletivamente por seu valor de testemunho e de memória histórica e que deve ser protegido, conservado e valorizado”. García-Canclini (1999) também nos aponta que ao compartilhar um conjunto de bens e práticas que os identifica, ele passa a ter um valor de patrimônio, já que está ligado com a memória coletiva de um grupo social.

Quanto aos tipos de peças encontrados no acervo, predominam as masculinas. Segundo Savaris “na sociedade atual a vestimenta que caracteriza o gaúcho é a bombacha, que é a calça do homem” (Manoelito Carlos Savaris, entrevista, maio, 2015). Porém, das indumentárias pertencentes ao acervo, uma se destaca:

A que tem, digamos assim, um maior reconhecimento é o chiripá, porque ele predominou durante muito tempo na história, do início do século XIX até o final do século XIX, dura quase 100 anos. Ele convive com a bombacha e foi usado pelo homem do campo, pelo típico gaúcho. Então ele tem uma representação importante. (Manoelito Carlos Savaris, entrevista, maio, 2015).

Para o interlocutor, a tradição é reconhecida como uma continuação do passado acessada por meio dos trajes, sem evolução e vinculada ao ambiente do campo. Desta maneira, a tradição é absorvida como manutenção e obediência ao passado, é fixa, congelada e imutável. Hobsbawn (1984) nos ajuda a pensar sobre as concepções que envolvem a tradição ao trabalhar o termo “tradição inventada”, que ele entende como “um conjunto de práticas (...) visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação em passado” (HOBSEBAWN, 1984, p. 9). Para o autor, a invenção de tradição apoia-se em fragmentos passados, podendo ser alterada em algum lugar do futuro. Isso nos permite pensar que as tradições se atualizam nas relações cotidianas, com o tempo e o espaço vivido.

O chiripá, então, é uma peça significativa para a tradição gaúcha e por isso o movimento busca continuamente utilizá-la. É um tipo de saia vestida pelos homens, sem costuras, preso à cintura. Entre as referências acessadas pelo movimento está o livro “Indumentária Gaúcha”, organizado em 2003 por Sonia de Campos Abreu e supervisionado por Manoelito Carlos Savaris, que

traz uma breve descrição da peça e sobre quem vestia ele. Segundo Savaris, existem dois tipos de chiripás (Figura 1): “o chiripá saia (...) é uma espécie de toalha colocada na cintura. E o chiripá Farroupilha, um pano retangular que enfia no meio das pernas e prende na cintura, fica tipo um faldrão” (Manoelito Carlos Savaris, entrevista, maio, 2015). A peça a seguir compõe o Acervo de Indumentária.

Figura 1: Ilustração e fotografia do chiripá saia e Farroupilha, respectivamente. Fonte: Ilustrações de Abreu (2003) e fotografias da autora (2014).



Com relação ao traje feminino “o vestido de prenda, que chamamos hoje, e que se usa modernamente, é uma invenção do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Ele não tem uma origem histórica clara” (Manoelito Carlos Savaris, entrevista, maio, 2015). O interlocutor acredita que é uma invenção por não seguir uma linguagem dita como igual ao passado, diferente do chiripá, que segundo ele se mantém desde o século XIX. A Figura 2 traz um vestido de época, onde “a riqueza ou a simplicidade do traje dependia das possibilidades econômicas e financeiras do local frequentado” (ABREU, 2003, p. 108). De acordo com a autora, o vestido realça as mangas e sempre com cores discretas, tais como marrom e azul escuro (p. 113).

Figura 2: Vestido de época. Fonte: Ilustração de Abreu (2003) e fotografia da autora (2014).



Quando Savaris nos fala sobre os trajes gaúchos que compõe o acervo, questões sobre as formas de fazer também se mostram presentes em um cenário onde “As roupas mais delicadas, chiques e que exigiam um maior rigor foram feitas pelas Lojas Renner e a outra parte pelas costureiras do Morro da Cruz, que é uma região muito pobre de Porto Alegre” (Manoelito Carlos Savaris, entrevista, dezembro, 2014). Aqui, a distinção entre os trajes se dá a partir de quem produz. Tais questões pressionam as formas pelas quais os trajes eram produzidos e utilizados, e também pressionam a forma como o movimento pensa os trajes.

Savaris aponta ainda que as indumentárias estão relacionadas aos temas do desfile ao falar que “as roupas são criadas conforme o tema do ano, então a gente busca representar através das roupas uma parte da história do estado” (Manoelito Carlos Savaris, entrevista, dezembro, 2014). Ou seja, eles procuram reconhecer por meio da materialização dos trajes o que é ser gaúcho, tradicionalista. Daniel Miller (2013) ajuda a entender a importância da materialidade e as relações sociais e materiais entre as coisas e os sujeitos ao afirmar que “As roupas não são superficiais, elas são o que faz de nós o que pensamos ser” (MILLER, 2013, p. 22). O interlocutor acredita que no momento que o MTG apresenta histórias sobre o passado com o uso das indumentárias, eles se constituem como tradicionalistas.

Ao mesmo passo que o interlocutor acredita que o acervo seja “um suporte para o Desfile Temático, não tendo finalidade histórica, turística e de ser um museu” (Manoelito Carlos Savaris, entrevista, dezembro, 2014), existe uma preocupação em organizar, catalogar e guardar as indumentárias, pois “sempre teve alguém responsável pelo acervo, onde etiquetavam, colavam em cabides e capas plásticas” (Manoelito Carlos Savaris, entrevista, dezembro, 2014). Essa perspectiva torna possível pensar que ele ultrapassa a função de suprir a demanda do desfile. É um lugar de memória, sendo essa a maneira do movimento de lembrar algo que encontra-se ameaçado de destruição. Nora nos dá suporte ao afirmar que “Se habitássemos ainda nossa memória não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares” (NORA, 1993, p.8). Ele não seria um lugar de memória se ainda vivessem as lembranças dais quais estão relacionados.

Neste sentido, pode-se compreender porque não encontramos trajés atuais no Acervo de Indumentária no momento em que Savaris sustenta que “tu não vai encontrar o vestido de prenda e a bombacha masculina, porque os trajés atuais não precisam virar acervo, as pessoas já têm em casa. No acervo deve conter roupas que as pessoas não têm em casa” (Manoelito Carlos Savaris, entrevista, dezembro, 2014).

Visto que as indumentárias são criadas e produzidas para serem utilizadas, o acervo não conta com uma reserva técnica. Essa conduta traz um olhar diferenciado e deslocado sobre o que é patrimônio, acervo e museu. Para o MTG, a forma de se relacionar com seu acervo é usando-o, não visitando.

Entre os anos de 2006 e 2013, o acervo esteve localizado na sede da Fundação Cultural Gaúcha do MTG. Em janeiro de 2014, Ana Marta Vasconcelos Pochmann assumiu a coordenação do acervo, sendo a responsável pelas atividades nele projetadas. Atualmente, Ana conta com a colaboração de Terezinha Maria Puton Luvison, que juntas estão organizando o novo espaço, localizado na Rua Landel de Moura, nº 430 – Bairro Tristeza, Porto Alegre/RS. O acervo teve que ser retirado da sede da fundação por estar situado em um ambiente pequeno e úmido, dificultando a conservação e uso das peças.

Figura 3: Localização atual do Acervo de Indumentária. Fonte: Da autora (2014).



Os relatos de Savaris a respeito do Acervo de Indumentária foram construídos com base em suas experiências e trajetórias no MTG e na Fundação Cultural Gaúcha. Ele acredita que o espaço surgiu e continua sendo um suporte para o Desfile Temático, que tem como objetivo manter práticas e costumes do passado via materialidade dos trajes.

Ao vestir uma bombacha ou alguma vestimenta do passado, Savaris se constitui como gaúcho, tradicionalista. Assim, podemos pensar, segundo Miller, que “o vestuário desempenha papel considerável e atuante na constituição da experiência particular do eu, na determinação do que é o eu” (MILLER, 2013, p. 63). Assim como as pessoas fazem as coisas, as coisas também fazem as pessoas.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo reconstruir uma narrativa sobre o processo de construção e patrimonialização do Acervo de Indumentária, idealizado pela Fundação Cultural Gaúcha do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) de Porto Alegre – RS. A partir dos relatos de Manoelito Carlos Savaris foi possível compreender sua trajetória no movimento e sua participação na constituição do acervo.

Nesse sentido, nos interessou considerar o protagonismo do interlocutor no processo de constituição do acervo, bem como suas experiências e aprendizados com relação aos artefatos dispostos no local. Ao entrevistar outros sujeitos que participaram do processo de construção e patrimonialização do acervo, outras falas e experiências surgiriam.

Os artefatos encontrados no Acervo de Indumentária nos contam histórias sobre como foram feitos, quais materiais e tecnologias foram utilizadas, como também de que contexto cultural-histórico foram construídos. Também nos contam histórias das pessoas que projetaram, fabricaram, consumiram, colecionaram e participaram da ideia do que é ser gaúcho dentro do circuito que envolve o MTG. Ao tornarem-se peças constituintes de espaços de patrimônio, as indumentárias passam a ser testemunhas de sua época, oferecendo oportunidades de reflexão e continuidade às nossas histórias.

Referências

ABREU, S. de C. (Coord.). **Indumentária Gaúcha**. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2003.

BENARUSH, M. K. Moda é patrimônio. In: CAMARGO, P. de O.; RIBEIRO, P. E. V. L.; WASHINGTON, F. (Org.). **Moda e/é patrimônio**. Rio de Janeiro: CCD, 2012. p.85-95.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de museologia**. Tradução de: SOARES, B. B.; CURY, X. M. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

GARCÍA-CANCLINI, N. Los usos sociales del patrimonio cultural. In: **Patrimônio etnológico: nuevas perspectivas de estudio**. Espanha: Junta de Andalucía, Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, 1999.

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Tradução de: CAVALCANTE, C. C. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre cultura material**. São Paulo: Zahar, 2013.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução de: KHOURY, Y. A. Projeto História, São Paulo, v.10, p. 7-28, 1993.

PACHECO, R. de A. **Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 143-154, 2010.

WORCMAN, K.; PEREIRA, J. V. **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Entrevistas concedidas

Manoelito Carlos Savaris. Entrevista concedida. Porto Alegre - RS, dezembro de 2014.

Manoelito Carlos Savaris. Entrevista concedida. Porto Alegre - RS, maio de 2015.

Sites

MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho. O que é MTG. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/pag_oqueemtg.php>. Acesso em: 27 abr. 2015.

1RTS – Primeira Região Tradicionalista. Estatuto social. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/24ec40_e401997e6fff4011bfa3a5a2fd7ed7da.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2015.